

Editor — Germano Alves.  
Redactor — Abílio Domingues.  
Administrador — José A. Alves.

Redacção e administração —  
Rua do Progresso, n.º 5 — Castro-  
Laboreiro — Melgaço.

Propriedade da empresa A Neve.

# A NEVE

Director — Abílio Alves Carabel

Composto e impresso na tipografia do  
«Jornal de Melgaço»

Assinaturas — Ano 3350;  
semestre 180; trimestre 90. Co-  
lónias portuguesas 4350. Países  
da União Postal (moeda portugue-  
za) 6300. — Número avulso 110.

Publicações — Linha, corpo  
do jornal 110. Anúncios e recla-  
mes, contrato especial.

Pagamento adiantado.

Semanário independente:-- Por Castro-Laboreiro

## Estrada para Castro-Laboreiro

*Que vantagens não traria para esta freguesia e além disso para a sede do concelho e freguesias por onde a dita estrada passasse, esta estrada tão pedida e desejada?!*

*Poderíamos nós receber com mais prontidão e menos despesas objectos indispensáveis que importamos e poderiam outras freguesias e mesmo Melgaço receber géneros que nós exportamos, também em melhores condições.*

*E' esta freguesia fértil em batatas e centeio; exporta grande quantidade de carvão vegetal; tem duas fábricas de chocolate bastante procurado, até no estrangeiros; abundam por aqui bastantes minerais, que se houvesse uma estrada valeria a pena explorar.*

*Tudo isto enriqueceria não só a freguesia mas o concelho, a região.*

*Depois a maioria dos homens válidos desta freguesia, tem de partir para o estrangeiro à procura de trabalho para se manterem e à sua família, facto que se não daria se se desse trabalho aos naturais, não precisando portanto de levar o seu esforço a uma nação estrangeira, que nunca o agradece.*

*Infelizmente Castro-Laboreiro nem um caminho de carro tem que o ligue a qualquer outra freguesia. Apenas um carreiro próprio para cabras liga a Melgaço esta terra perdida na montanha, portanto é impossível a exportação e a importação.*

*Esta gente é laboriosa, mas por infelicidade sua, não tem quem aproveite essa sua boa qualidade.*

Fôrças.

## CASTRO

Castro-Laboreiro, terra da neve, eu te envio muito saudar!

Eu não conheço Castro. Não faço uma ideia verdadeira do que seja essa terra de emigrantes aventureiros e, na maior parte, periódicos. Desconheço-a, pessoalmente por completo. Nunca a vi. O que terra,

não obsta, contudo, a que a reproduza, mais ou menos fielmente, no meu espírito. Mas, está-se a ver, à custa de esforços. Atravez dos lábios dos outros, sempre parciais. Pelas descrições verbais, sempre imperfeitas. Reflectivamente, por conseguinte.

Tal é a origem do conhecimento que possuo de Castro. Donde, logicamente, se deduz o juízo que formo dessa terra, onde ainda se alberga,

quasi ímpoluta, uma feição do mente, a dar êsse... pas-velho dos português, centro seio. Foi no ano transacto, dessa pléiade imortal de Gon- talvez af por Setembro; se a çalos Velhos, que, casados memória me não atraioça.

com a Aventura, foram mar Mas quem de propósito a em fora, demandar novos céus, cavalgadura que me havia de novos horizontes. não passa conduzir estava doente nessa dum simples castelo na areia ocasião. Este imprevisito, lôn- — insustentável, desalicerça- ge de me arrelliar, beneficien- do como essas fortagens de me sobre-maneira. E hoje mal areia que, ao pôr do Sol, sob posso avaliar a alegria que, os olhares vigiantes de nossas então, me proporcionou a cir- cuidadas mães, soemos le- cunstância da doença dêsse vantar, radiantes, nos cabede- irracional, que, infelizmente, quando crianças ainda, já regressou ao nada donde damos largas à idiosincrosia saíu.

belicosa que herdamos de Alegria duas vezes natural nossos avós, e que o Mar, ir- — uma porque causa horror mão, coetâneo do Tempo; tra- fazer, por montes e vales, uma ga, apesar-da solidez aparen- viagem a cavalo de algumas te com que as construímos, horas a quem, como eu, ape- num abrir e fechar de olhos. nas ainda? fez umas duas ou três e essas mesmas curtas e Eu não conheço Castro por- em plena estrada de macada- que nunca lá fui. Andei, há me; e outra... esta não se tinha resolvido definitivamente. Tinha medo? ao caminho. diz, porque é segredo, apesar Sabia e sei que é longe. Mas de ser a principal.

(Continúa).

## RECORDANDO...

O que é muito, muitíssimo até, para mim, com a agra- vante, ainda de estar apenas habituado aos caminhos civili- zados, não obstante serem às vezes quantas? as peores. Por isso, é que nunca me tinha resolvido definitivamen- te, não grado tôdas as instân- cias com que me assectivavam.

«Agora não; depois vou». Tal era a minha evasiva, cheia de fé, mas, concomitantemen- te, de retraimento.

Porém um dia até que en- resolvi-me, espontânea-

Auxiliado pelo despertador acordei às 4 horas da manhã. Levantei-me muito bem disposto, e saindo de casa lá vou estrada fóra, em direcção ao ponto de reunião, onde já se encontravam esperando deis- colegas amigos.

Faltava um, e, como êle nos prevenisse, de véspera, para o chamarmos caso êle não acordasse até às 5 horas, lá vamos nós chama-lo. Só ao fim de três pancadas fortissi-

## SAUDADE



A gentil Clotilde Braga.

*Quem me dera morrer, morrer quem me dera;  
Quando fitei a tua imagem pura  
P'ra não sentir a dor que me tortura  
P'ra não sentir o amor que me exaspera.*

*Embora fosse avida uma ventura  
Embora a vida fosse a Primavera  
Morrer querida ao te fitar quisera  
Tendo a teus pés a própria sepultura.*

*Foste mulher a sonho evaporado  
Na fantástica sombra do passado  
Que fugir-nos de caminho a fóra*

*Antes eu não te visse eu não te amasse  
Antes a morte aos céus me arrebutasse  
Na fatal hora em que te vi — Senhora.*

Viana, 8-12-920.

Santos Barbosa.

## «A NEVE»

Não se publicando «A Neve» no próximo dia 23, desde já enviaremos aos nossos assinantes e colaboradores, o cartão de

Boas-Festas.

## Saúdaes

om om om

Caía o sol lentamente no horizonte para ocultar com cuidado os tesouros sublimes do seu calor e luz.

Ao longe, erguendo-se alto com a imponente magestade da sua grandeza imensa, o mar assombrou o meu espírito que bagueava ao acaso, tentando em vão a compreensão nítida da sua misteriosa existência!

A minha vida já se achava traçada num caminho de sofrimento. Os meus olhos olhavam ao redôr, e encontravam a mesquinha importância, a tanta viuva de arvoredos.

Aolão.

Várias vezes pensava no meu infortúnio, mas só em olhar para aquelas monumentais ondas que viravam momento a momento, a minha idéa era outra. O meu espírito, tinha ocasiões que sonhava uma esperança. Sentado na praia enquanto contemplava o horizonte sobreveio-me uma recordação ardente, que não pôde refrear. Era numa formosa tarde de Agosto quando o sol nos desaparece que eu era completamente feliz. Poucos dias durou essa felicidade. Quiz-me distrair, mas em vão. Diversas vezes passeava de manhã até à noite — umas só, outras acompanhada, mas não tinha um só momento em que pensasse na minha desventura!

Qual a razão de todos os meus sofrimentos?

Não posso explicá-la.

Quando se ama, só desejamos que tudo nos corra na melhor harmonia, mas a mim infelizmente era o contrário.

Quando dum viagem que fiz a Braga, tive ocasião na carruagem de me relacionar com certa pequena X, chamando-me atenção todas as suas belezas, todos os seus encantos, enfim, tudo com que pode ser dotada uma creatura como aquela. Eu depois de um méro comprimento do estílo, tive ocasião de lhe dirigir algumas frases em que fui correspondido. Passados momentos chegamos a Nine.

Como ela viajasse em companhia dum sua tia, senhora já de idade, e reconhecesse em mim pessoa do seu agrado, aproveitou o ensejo de me pedir para acompanhar sua sobrinha ao restaurante afim de tomar uma chávena de café. Eu com todo o gosto a acompanhei e jámais quando ela me estava dando sorte.

Depois de tomar o café, não consenti que ela pagasse a mesquinha importância, paguei eu.

Depois de muitos agrade-

mas na porta é que ouvimos barulho no interior da casa, falando-nos então. Lá saíu de casa, esfregando os olhos e fomos todos, em direcção ao rio Minho; aonde fomos tomar banho.

Calados! Diz de repente um dos três amigos que me acompanhavam. Escutem! Assim fizemos, ouvindo então umas vozes alegres, que nos fizeram perceber, que as esbanholas se estavam banhando.

Procuramos então, avançar urrateiramente, abafando os passos e escondendo-nos por traz dos arbustos para assim os podermos aproximar das hermosas galegas, que na maré em oposta se banhavam desreocupadamente, embrulhadas, cada uma em seu alvo ençol, que o vento e a água muito raras vezes deixavam bedecer ao seu fim.

Chegados à margem, acamamos na orla de um grande canal, onde ficamos contemplando o magnifico quadro, que se desenrolava perante o nosso olhar.

Vimos então, as adoráveis parigas, cobertas com os seus alvissimos lençóis e com os cabelos soltos ao vento, surgir por entre o ténue nevoeiro, que se levantava da cristalina água do rio, a saltar e a rir como que zombando do estado de languidez em que a sua vista nos prostrara.

Passados momentos senti o baque de um corpo cado na água.

Fora o endiabrado José, que tendo paciência para estar quieto nem calado um só momento, se atira à água, lançando ao mesmo tempo um estridente grito que nos aterrisou assim como ás esquivas e angélicas ninfas do Minho, que fugiram, desaparecendo por entre os recortados pedregalhos, que encobriram tão encantadora visão.

Por fim, lá nos resolvemos fazer companhia ao travesso

José, que fazia um barulho ensurdecedor. Depois de termos atravessado por várias vezes a força da corrente, para vermos se os braços e as pernas conservavam o antigo vigor, atamos, cada um a sua roupa com um vime e segurando-a no alto da cabeça af vamos rio abaixo em direcção ao lugar, aonde tínhamos avistado um grande número de colegas e amigos, que mal nos viram, vieram ao nosso encontro nadando valentemente contra a força da água, para nos virem dar os bons dias e para nos oferecerem hospitalidade na praia mais concorrida, mas em compensação menos romântica. A conversação e a brincadeira generalizaram-se.

Eram 9 horas, quando levantando o improvisado acampamento, aonde nem sequer o competente café nos faltou e nós retiramos para casa onde nos esperava o já bastante apetecido almoço.

Melgaço, 12-7-920.

fazer companhia ao travesso

cimentos viemos para a car-  
ruagem, onde nos aguardava  
a respeitável senhora.

Dali a momentos seguimos  
para Braga.

Depois da nossa chegada,  
julgando não mais a tornar a  
ver, trocamos os nossos car-  
tões dizendo-me que iam com-  
prar uns objectos e regressa-  
riam no comboio correio.

Eu por minha vez, também  
disse que ia visitar uns ami-  
gos e regressava no mesmo  
comboio.

Depois de vários comprimentos,  
desapartamo-nos.

13-12-920.

*Bento Moraes.*

(Continúa).

## Noticiário

### Feira

Apezar de haver alguma  
neve e bastante frio, realizou-  
se com muita concorrência a  
feira quinzenal desta fregue-  
sia, havendo muitas transac-  
ções, tanto em gados como no  
comércio. Oxalá que a do dia  
31 nos contente mais com um  
dia aprazível.

FOLHETIM N.º 6

## Martírios da vida

ROMANCE

por

P.º Silvino de Sousa

II

Na morada dos Osórios era  
profundo o silêncio, apenas  
interrompido por uns soluços  
abafados, por uma cortante  
aragem baloiçando as rama-  
gens, ou pelo canto triste dal-  
guma ave nocturna na copa  
dos olivedos!

III

O P.º Bento encaminhava-  
se para casa do dr. Brito, de  
quem era amigo, e visitante.  
Bateu à porta: O dr. avistou-o

## Pedido de casamento

Pelo nosso estimado con-  
terrâneo rev. P.º Manuel José  
Domingues, abade pensionis-  
ta da freguesia da Vila de  
Melgaço, foi pedida em casa-  
mento para seu sobrinho e afi-  
lhado sr. Abílio Domingues,  
também nosso conterrâneo e  
inteligente professor oficial, a  
*demoiselle* Leopoldina Cándi-  
da Afonso, prendada sobrinha  
da ex.ª sr.ª D. Cándida Mo-  
reira, esposa do sr. José Ma-  
ria Moreira, capitalista daque-  
la freguesia da Vila de Mel-  
gaço.

Em nome de todos os seus  
colegas da redacção de «A Ne-  
ve» felicita-o, assim como a  
sua ex.ª noiva.

O seu amigo,

*José António Alves.*

## O nosso jornal

Pedimos a tódas as  
pessoas a quem envia-  
mos «A NEVE» e que a  
não queiram assinar o  
favor de a devolver à  
redacção.

A DIRECÇÃO.

e descendo rapidamente as  
escadas, falou-lhe assim:

—Benvindo seja, P.º Ben-  
to; e ajudou-o a subir.

—Muito obrigado, meu  
amigo; que Deus o conserve  
por muito tempo para bem  
desta terra.

—Então que novidades  
há? Já tão cedo por aqui?

—E' verdade. Venho com-  
binar com o dr. uma resolu-  
ção minha; venho consultá-lo  
a ver se me aplaude.

—Ora essa P.º Bento!  
Acaso as suas cãs não me  
fazem humilhar até seus con-  
selhos? Diga antes que serei  
eu sempre o discípulo e o  
amigo mestre.

—Meu bom dr. Brito, quan-  
do a neve recebe os raios do  
sol, desfaz-se e em torrentes

## Nova montaria

Em virtude de na monta-  
ria feita no passado sábado,  
11, deixarem passar para Es-  
panha, sem os cumprimentos  
do estílo, um gordo e saúdá-  
vel javali, o mesmo grupo de  
caçadores resolveu fazer nova  
montaria no próximo sábado.

## CACHORROS

Precisa-se comprar 3 ca-  
chorros da verdadeira raça de  
Castro-Labreiro. Quem os ti-  
ver dirija-se a esta redacção.

## Greve

Por nota officiosa da C.ª de  
Minas Carboníferas de Bar-  
reiras Brancas e Penha de  
Anamão, sabemos que os seus  
operários ainda não retoma-  
ram o trabalho, trabalhando-  
se contudo para uma breve  
solução.

«Quereis engordar em pou-  
co tempo? Tomai todos os  
dias chocolate da afamada fá-  
brica «Caravelos», de Castro-  
Labreiro.

## Batizado

No dia 12 realizou-se na  
igreja paroquial desta fregue-  
sia, o batizado solene de um  
neófito do nosso presado as-  
sinante sr. Manuel J. Montei-  
ro, negociante no lugar das  
Cainheiras, a quem felicita-  
mos.

## Novo Hotel

Realizou-se a abertura so-  
lene de um novo hotel deno-  
minado «A Boa-Nova», nesta  
Vila. Teve bastante frequên-  
cia na sua abertura. Deseja-  
mos-lhe longas prosperidades.

E' gerente a sr.ª D. Ana  
Maria Rodrigues.

## A ESPANHOLA

Fábrica de chocolates mo-  
vida à força hidráulica, fun-  
dada 1908 e reconstruída em  
1919. Chocolates fabricados  
pelos últimos sistemas adôta-  
dos em Madrid e Barcelona:  
cacau, caraça, açúcar, canela,  
baunilha e uma pequena quan-  
tidade de manteiga de vaca.

Viuva de Domingos Antó-  
nio Alves & Filhos.—Castro-  
Labreiro.

cai até ao sopé das monta-  
nhas: pois do mesmo modo,  
minha cabeça já geada, ao re-  
ceber o calor do vosso talen-  
to, curva-se respeitosa e hu-  
mildemente ante tanta magná-  
nidade e virtude...

—Ora, pelo amor de Deus,  
cale-se, meu amigo. Tenho  
sempre ouvido dizer que os  
velhos são sempre os melho-  
res conselheiros do mundo.

—Conforme dr.. Olhe que  
a velhice é a segunda meni-  
nice da vida. E nós os velhos  
somos ás vezes bem crean-  
ças...

—Seja como quizer. Nin-  
guém o leva de vencida. Va-  
mos para a meza, que o al-

moço espera-nos.

—Muito obrigado. Já al-

moço espera-nos.

—Muito obrigado. Já al-

moço espera-nos.

—Que lhe preste. Venha.  
Já que sou o conselheiro...

Lá fôram. Acabada a refei-  
ção retiraram-se ambos para  
um gabinete. Sentados que  
foram, fez-se algum silêncio.

—Então, bom amigo, que  
me quer? Fale com a máxi-  
me franqueza: estou ao seu  
dispôr, disse o dr.

—Dr., disse o P.º Bento,  
algo comovido, sabe muito as  
condições pessoais em que fi-  
ca Helena Osório.

(Continúa).

# Viuva de Domingos A. Alves & Filhos

## Estabelecimento de fazendas, ferragens e miudezas

Praça da República, 3, 4 e 5--Castro-Laboreiro--Melgaço

Neste antigo e conceituado estabelecimento encontra-se à venda pe'os mais reduzidos preços, um grande e variado sortido de fazendas para fatos, em lindos padrões: um grande sortido de calçado da última moda a preços sem competência; ferragens de fabricação esmeradíssima e o mais completo sortimento de miudezas.

Não compreis nada sem primeiro visitar este estabelecimento, pois é o que vende mais barato, atendendo a que compra directamente ás fábricas.

## António Beato Domingues Cordas

Estabelecimento de fazendas, mercearia, calçado, ferragens e miudezas  
CASTRO-LABOREIRO — MELGAÇO

Este estabelecimento vende tudo que há, das melhores marcas, tanto artigos nacionais como das melhores fábricas estrangeiras.

Quem desejar fazer boas compras, visite este antigo estabelecimento, pois poderá comparar os preços e qualidades.

Preços sem competência.

VENDAS A DINHEIRO

## Capotes à Alentejana

Faço permutas de selos tais por quantidades ou e Ivert et Tellier. Tanto quanto selos nacionais por estrangeiros, como estes por onats.

Herculano Pinheiro.  
MELGAÇO

Fazenda para Capotes à Alentejana e bons sortidos para os mesmos, tem o estabelecimento de Viuva de Domingos A. Alves & Filhos.

Praça da República, 3, 4 e 5 — Castro-Laboreiro.

## Novo estabelecimento

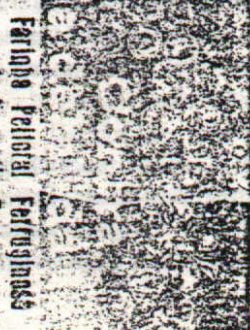
— de —

José Augusto Domingues  
CORREDOURA — PRADO — MELGAÇO

Neste novo estabelecimento encontram-se à venda por módicos preços, o mais variado sortido de fazendas para inverno; cotins, flanelas, riscados, grande variedades em Montanhaques de fabricação portuguesa; ferragens de toda a especie; mercearia em grande escala; miudezas e outros artigos, assim como o afamado Sal de Setubal.

Recomendamos também a todos os alfaiates e costureiras as belas máquinas secretárias, que se encontram à venda neste conceituado estabelecimento. Vendas a Dinheiro.

Vêr para crêr.



Ferragens Pelicci Ferruginos da Farnador Frango

Pedro F. V. & C.  
Obriguado - exat.  
rua de halem, 17 - Lisboa.